

11º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: ALFABETIZAR LETRANDO

Marcia Justina de Souza¹
Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar²

Todas as formas existentes de alfabetização, de acordo com a literatura, seja ela fônico, alfabético, silábico ou, soletração, dá a oportunidade de alfabetizar um indivíduo. Buscando contemplar e minimizar as lacunas que se evidenciam no processo de apropriação da escrita este estudo, em andamento, tem como objetivo descrever a sistematização do trabalho pedagógico para a produção da linguagem escrita em pessoas com Deficiência Intelectual. As aulas ministradas no ateliê de letramento e contextos sociais foram planejadas a partir da Metodologia da Mediação Dialética. É no contexto de construção de significados e sistemas simbólicos que se ensina a leitura e escrita. Pautados nesse ideário o trabalho desenvolvido no projeto de extensão “Atividades Alternativas para pessoas com necessidades especiais” tem evidenciado que a sistematização do planejamento de aula possibilita a prática pedagógica de alfabetizar letrando a pessoa com deficiência intelectual.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, deficiência intelectual.

Área temática: Educação.

Coordenador(a) do projeto: Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, gizelialencar@gmail.com, Departamento de Teoria e Prática, Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

A escola, lugar específico para o ensino dos conhecimentos historicamente construídos, enfrenta grandes desafios para se adequar as atuais políticas públicas educacionais que norteiam o processo de inclusão, que prima pela educação de qualidade independente da necessidade ou patologia apresentada pelo educando.

Nesse cenário, no que diz respeito a deficiência intelectual evidencia-se na maioria dos casos, a não apropriação da língua escrita, salvo algumas exceções.

O sistema de escolarização prima pela prática formal e institucional de aquisição da escrita, ou seja, a alfabetização compreendida como codificação e decodificação da escrita.

Contudo de acordo com Soares (1999) não basta apenas aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam as práticas de leitura e de escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, ou seja, não se tornam letradas. Esse

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá/UEM.

² Professora do Departamento de Teoria e Prática na Universidade Estadual de Maringá/UEM.

dado *não diz respeito apenas* ao educando com deficiência intelectual, mas a uma parcela significativa da sociedade.

Mediante o exposto, enquanto acadêmicas do curso de pedagogia, algumas inquietações se fizeram presentes: alfabetização e letramento são processos distintos ou congruentes? Uma pessoa com deficiência intelectual é capaz de se tornar letrada? Quais são os possíveis caminhos para se alfabetizar letrando uma pessoa com deficiência intelectual?

Da Alfabetização ao Letramento

A concepção de alfabetização difundida e praticada nos sistema de ensino, de acordo com Albuquerque (2007) foi transposta para a sala de aula no final do século XIX, com a disseminação de diferentes métodos de alfabetização³, considerada como ensino de habilidades de codificação e decodificação.

Para Soares (2009) a alfabetização em seu sentido próprio, específico é um processo de aquisição do código escrito, das habilidades da leitura e escrita. Para Gontijo (2002, p. 17) “[...] implica a ação de levar a aquisição dos símbolos que compõem um dado sistema de escrita”. Igualmente Kleiman (1995) pontua que esse processo desenvolvido nas instituições escolares visa aquisição do código escrito.

Foi somente a partir da década de 90, do século passado, que o termo letramento começou a ser utilizado no Brasil. De acordo Soares (2009), pessoa letrada é aquela que aprende a ler e a escrever e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se em práticas sociais, ou seja, faz uso frequente e competente da leitura e da escrita. A pessoa letrada passa a ter outra condição social e cultural, muda o seu lugar social, seu modo de viver, sua inserção na cultura e evidentemente uma maneira de pensar diferente. Tornar-se letrado traz consequências linguísticas, de acordo com pesquisas, pois ele fala diferente do iletrado e analfabeto, mostrando assim que o convívio com a língua escrita trouxe mudanças no uso da língua oral, e no vocabulário.

A sugestão proposta por Carvalho (2009) é que o professor alfabetize letrando, realizando um trabalho intencional de sensibilização através de atividades específicas de comunicação como escrever bilhetes, cartas, contar histórias por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz, fazendo assim com que a escrita tenha uma função social. A criança deve também ser orientada para compreender as exigências nos variados tipos de textos e também os objetivos do autor.

As novas perspectivas de abordagem do letramento destacam dois modelos de letramento: o “modelo autônomo” e o “modelo ideológico”. O “modelo autônomo”, concentra-se na dimensão técnica e individual do letramento, sem levar em conta o contexto social. Assim o letramento é considerado no singular. Neste processo a escrita é um produto completo em si mesmo. Nesse processo define-se com mais facilidade quais habilidades e conhecimentos caracterizam uma pessoa alfabetizada, que domina a “tecnologia” do ler e escrever. (MORTATTI, 2004)

O modelo ideológico concentra-se na dimensão social do letramento, apresenta várias maneiras em que se fundamenta o conceito de letramento, ou seja, para o funcionamento da sociedade, o letramento é necessário e tem potencial para mudar relações e práticas sociais injustas. No modelo ideológico leitura e escrita são consideradas atividades sociais, que variam de acordo com o tempo, espaço, tipo de sociedade, projetos políticos e sociais. Desta maneira, não existe apenas um tipo de letramento. Este é um processo contínuo, um conjunto de práticas sociais em que as

³ Métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) x métodos analíticos (global).

peças se envolvem de acordo com o contexto social, as habilidades e conhecimentos que tem a disposição.

Materiais e Métodos

As atividades e coleta de dados foram realizadas no projeto de extensão “Atividades Alternativas para pessoas com necessidades especiais”, no ateliê de Letramento e contextos sociais. Participam do ateliê 9 adultos com deficiência intelectual. O planejamento das atividades é respaldado na Metodologia da Mediação Dialética (Arnoni, 2007) e compreendem 4 momentos específicos: resgatando/registando, problematizando, sistematizando e produzindo.

Na primeira etapa o professor leva em conta o conhecimento imediato do educando, ou seja, o professor dá voz, para que possa expressar o que sabe do tema que será discutido em aula, esse primeiro momento consiste no (resgate e registro). Na segunda etapa são feitos questionamentos com o intuito de levar o aluno a perceber que seus conhecimentos imediatos não são suficientes para respondê-los. Essa etapa caracterizada como (problematizando) é o momento em que o professor suscita nos educandos situações problemas ampliando os elos comunicativos, com o intuito de posteriormente inserir o conteúdo científico. Na terceira etapa denominada como (sistematizando) é o momento em que o educador não deve desconsiderar as falas dos educandos e os questionamentos realizados nas etapas anteriores, neste momento o educador deve transformar o conhecimento científico em conteúdo de ensino, ou seja, coerente para aplicação em sala de aula de forma a ser entendido pelo aluno. O último momento da aula (produzindo) é quando o aluno irá expor o que apreendeu do conteúdo, podendo relacionar os saberes que tinha outrora e os que se apropriou no decorrer das discussões, momento esse que se evidencia a superação do conhecimento imediato pelo conhecimento científico, ou seja, o conteúdo (ARNONI, 2007).

Para esse trabalho fez-se um recorte dos temas trabalhados o qual está descrito e analisado a seguir. Os nomes dos alunos serão representados por letras do alfabeto.

Discussão de Resultados

Tema da aula: DENGUE

RESGATANDO/REGISTRANDO

Profª. O que é “Dengue”?	A- “É uma doença” ML- “Mata as pessoas”. El- “A pessoa fica doente” Ed- “Tem que ir no médico”
Profª. Quais os sintomas da dengue?	P- “Dá dor no corpo, nas costas e no olho”. L- “A pessoa fica de cama”. Le- “Febre”
Profª. Como se transmite a dengue?	El- “As pessoas jogam lixo nos terrenos baldios” P- “Piscina sem cuidado”. J- “Água Parada” Le- “Quintal Sujo”
Como evitar a transmissão da dengue?	E- “Não deixando água parada” ML- “Trocar água dos vasilhos, tirar a água, colocar areia”. Le- “O carro da SUCAM passa o veneno”. P- “Não adianta veneno, tem que cuidar do quintal”. P- “Tem que lavar, a vasilha do cachorro”.

Na etapa resgatando/registando fica evidente o conhecimento prévio do aluno (imediatos), sobre a Dengue, baseando-se nesses conhecimentos, foram realizadas algumas problematizações e uma delas exemplificada a seguir.

PROBLEMATIZANDO

Profª. Como chama o mosquito da Dengue?	ML-“Mosquitinho da dengue” J- “Aedes egipiti” ML-“Aedes gipisi” P- “Aedes gisu”
Profª. Quantos tipos de dengue existem?	TODOS: Não sei.

Após os questionamentos iniciou-se a **Sistematização do conteúdo de referencia**, e foi trabalhado junto aos alunos o conceito da doença “Dengue”, seus sintomas desencadeadores, tratamento, prevenção. Foram realizadas várias atividades relacionadas ao tema tais envolvendo música, brincadeira da “forca”, separação de sílabas e classificação das palavras, pintura de desenhos, leitura de textos, ensino de dígrafos, discussão sobre formas de conscientizar à população, dentre outros. Os alunos citaram panfletos, cartazes, propagandas. Para ilustrar os dados obtidos transcrevemos a elaboração de dois textos elaborados por alunos com níveis de escrita distintos tendo como referencia uma sequencia de imagens.



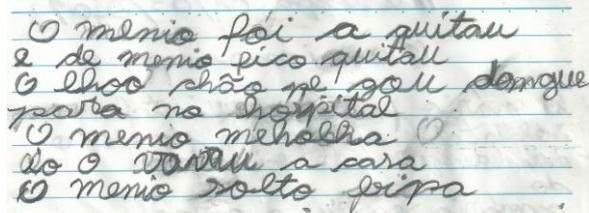
Figura 1: imagem disponibilizada para elaboração textual

<p>É havia uma vez um menino foi solta pipa no seu quintal e dai estava todo cheio de pinel e tinha muitas mosquitos da dengue dai ele foi picado ele chega em casa muito mal com muita dor no corpo e mal estar dai seus pais levaram ele para o hospital depois que ele fez uma limpeza no seu quintal mais tarde ele foi solta pipa mas ele teve que tomar muitos medicamento antes de leva ele no medico e seus pais colocou na boca dele um termometro para ver se ele estava com febre quanto seus pais olhou no termometro ele estava</p>	<p>com muita febre e umas manchas vermelha no seu corpo a febre dele estava muito alta depois que ele se recuperou ele foi na casa dos seus amigos para avisar que era pra eles cuida bem do seu quintal para não pega dengue ele falou vocês tem que manter seu quintal limpo não deixa água parada no pinel nas equidias nas latas se voce cuida bem de tudo o pessoal da dengue agradece a pessoal se voce não cuida a dengue pode mata vc.</p>
--	--

Figura2: texto elaborado pela aluna “E”

O texto da Aluna “E” apresenta coerência textual, traz informações precisas sobre o tema trabalho.

Já a produção textual de “L”, ilustrada abaixo, traz informações mais sucintas sobre o tema, mas também apresenta coerência com o tema trabalhado e com a leitura das imagens disponibilizadas.



O menino foi a quitau
e de menino ficou quitall
O olho chis no olho de sangue
para no hospital
O menino melhora O
do O VVVVVV a cara
O menino volta feio

Figura 3; texto elaborado pelo aluno "L"

Observa-se que há distinções sobre os níveis de apropriação do sistema de escrita alfabética nos textos produzidos, mas essas não se configuram apenas em codificação e decodificação da escrita. As atividades foram planejadas com vistas a alfabetização e letramento e não simplesmente na memorização de letras ou regras gramaticais. As respostas emitidas pelos alunos sinalizam de forma clara, ao professor, quais aspectos devem ser priorizados bem como se houve compreensão dos conteúdos ou não.

Conclusões

Com base nas respostas emitidas pelos alunos e no registro das atividades constata-se desempenhos distintos sobre a escrita. A sistematização do planejamento de aula evidenciou-se primordial para dar voz aos educandos sobre suas concepções e compreensões dos assuntos trabalhados. Esses aspectos possibilitaram o encaminhamento e estruturação das atividades contemplando as necessidades específicas de cada um.

Acreditamos que todo professor que conceba a sala de aula como um espaço de encontro de diferenças, de pluralidade, deve buscar estratégias de atuação que atendam a essas peculiaridades. A escolha de uma prática inadequada pode trazer como consequência atitudes e posturas também pouco adequadas pelos alunos, como desinteresse, faltam de atenção, dificuldade de expressão gráfica e oral, dentre outras.

Por fim, cremos que alunos com deficiência intelectual podem desenvolver mecanismos mentais a partir de um trabalho bem planejado e sistematizado na relação dialógica da prática docente e, por conseguinte, se alfabetizar letrando.

Referências

- ARNONI, Maria Eliza Brefere, ALMEIDA, José Luís Vieira de, OLIVEIRA, Edilson Moreira de. **Mediação dialética na educação escolar - Teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola, 2007
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 6 d. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longa. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004 (Coleção Paradidáticos; Série Educação)
- SOARES, Magda. **Letramento – um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. **Conceituando alfabetização e letramento**. In: Alfabetização e letramento: conceitos e relações / organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1ed., 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.